



ENQUADRAMENTO LITÚRGICO

VI DOMINGO DE PÁSCOA

9 de Maio de 2010

Cristo Ressuscitado apresenta as marcas da crucifixão. O que os homens consideram *escândalo e loucura* é *sabedoria de Deus*. A sua humanidade atingiu a verdadeira plenitude.

Os textos de hoje convidam ao discernimento dos valores essenciais que devemos viver e anunciar (1ª leitura), a pôr os olhos na meta da comunhão plena com Deus (2ª leitura) e a viver a palavra de Jesus que nos torna habitação de Deus (Evangelho). Este é o caminho da plenitude humana.

I – I LEITURA (Act 15,1-2.22-29)

No diálogo fraterno... O Espírito Santo e nós...

Alguns pretendiam impor as leis antigas aos que abraçavam a fé. Outros não entendiam assim, porque Jesus Cristo é o único Senhor. Em “concílio” com os anciãos, os Apóstolos invocaram o Espírito Santo, confrontaram-se com o que aprenderam do Senhor e deram esta indicação: “O Espírito Santo e nós decidimos...”. Na escuta de todos, sob o ministério apostólico presidido por Pedro e assistida pelo Espírito, a Igreja uniu-se para bem acolher e anunciar a Boa-Nova.

Discernimento cristão no mundo

Os *discípulos de Cristo*, que são também cidadãos, participam nas *alegrias, esperanças tristezas e angústias dos homens de hoje*, e *não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração* (cf. GS 1).

Na Nota Pastoral, *Cuidar da vida até à morte...*, os nossos Bispos chamam a atenção para o debate, na sociedade portuguesa, sobre *a dignidade da pessoa na fase final da sua vida*. Pretendem, assim, dar o seu contributo e oferecer aos católicos algumas linhas de orientação (nº1). Todos devemos questionar-nos, dizem, sobre *aquilo que é importante para a vida verdadeiramente humana, sobre o que é decisivo na realização da pessoa, sobre os valores autênticos da humanidade e sobre o modelo de sociedade em que vivemos*.

Sendo a vida humana anterior a qualquer projecto pessoal, o seu valor não depende do que as sociedades determinem, pois vem da *dignidade prévia* que assenta na *própria condição humana*. Mas os cristãos, sabendo que a condição humana tem origem na bondade do Criador e foi salva pelo amor de Jesus Cristo (cf. nº 2), devem estar nestas questões como sujeitos activos de discernimento.

Como a Igreja Apostólica, as comunidades, precisava Paulo VI, devem analisar as situações e iluminá-las com o Evangelho; encontrar na Doutrina da Igreja princípios para reflexão, normas para julgar e directrizes de acção; discernir, com a ajuda do Espírito Santo, em comunhão com os bispos, e no diálogo com outros cristãos e todos os homens de boa vontade, as opções e os compromissos a assumir (cf. OA 4).

2 – II LEITURA (Ap 21,10-14.22-23)

A vida a caminho da sua plenitude

À Igreja perseguida o *Apocalipse* aponta o triunfo. Dos quatro cantos da terra, os que seguem o Senhor afluem à Jerusalém celeste onde o próprio Deus os abriga de todo o mal e limitação. Nada mais é necessário: Deus e o homem estão face a face.

Pensando a liberdade como um absoluto e dispondo das possibilidades da medicina, o homem *quer não só ser protagonista da sua própria história, mas ter nas mãos todos os processos da sua vida*. É neste sentido que *parece aliciente poder antecipar a morte ou prolongar o processo de morrer, de acordo com o que no momento for tido como mais vantajoso* (nº 3).

O cristão *encara com realismo os limites naturais da existência*, sabendo que *a realização plena e definitiva só é possível em Deus*, e assume *cuidar da vida que tem diante de si* (cf. nº2). *O sofrimento, a doença e a morte são partes da vida e têm que ser integrados no projecto pessoal de vida* (nº 5). Só Deus é o Senhor da vida.

E Jesus, que mostrou uma presença preferencial aos mais atingidos por qualquer espécie de dor, diz a todos: *Não se perturbe nem se intimide o vosso coração* (ver Evangelho).

3 – EVANGELHO (Jo 14, 23-29)

Não se perturbe nem se intimide o vosso coração

Quem Me ama guardará a minha palavra e meu Pai o amará: viremos a ele e faremos nele a nossa morada [...] E o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome vos ensinará [...] e vos recordará tudo o que Eu vos disse. A disponibilidade de Deus precede a nossa. O *Eis-me* de Deus para nós solicita o *Eis-me* de nós para Deus. Guardar a palavra de Jesus permite a Deus efectivar em nós a sua morada.

Jesus despede-se: *Deixo-vos a minha Paz [...]. Não se perturbe nem se intimide o vosso coração. Vou mas voltarei para junto de vós.* Entretanto, não fica ausente: o seu Espírito, que é também o do Pai, habita-nos e mantém-nos na comunhão fraterna.

Presença que testemunha a preciosidade da vida

A Palavra e o Espírito de Cristo reavivam em nós o sentido do viver e do morrer. *Se vivemos, diz Paulo, vivemos para o Senhor e, se morremos, morremos para o Senhor* (Rm 14,8). A presença fiel de Jesus, o *Bom Samaritano*, testemunha a preciosidade da nossa vida, mesmo na dor e até no morrer. E o Mandamento do amor, preferencial pelos mais necessitados, traduz o *Vai e faz do mesmo modo* dito ao doutor da Lei (cf. Lc 10,25-37). *As súplicas de quem sofre, muitas vezes desejando terminar com a situação de dor, mais que um desejo de morrer, são sobretudo o apelo a uma presença marcada pelo amor, a formas concretas de solidariedade e expressões da necessidade de perspectivas de esperança.* Humanizar a fase terminal da vida exige disponibilização de meios que tirem ou reduzam a dor, acesso aos meios médicos necessários, acompanhamento humano personalizado e a garantia ao paciente de que *não será abandonado à solidão em nenhum momento da sua fase final* (nº 5). Na sua vinda, o Senhor acolher-nos-á mediante o critério das Obras de Misericórdia que, feitas ao mais pequenino, são feitas a Si (cf. Mt 25,31-46).

4 – Sugestões para a ORAÇÃO UNIVERSAL

- Ao iniciarmos a Semana da Vida, rezemos pela humanidade inteira. Em diálogo, na escuta da Palavra de Deus, na comunhão da Igreja e dóceis ao Espírito Santo, saibamos acolher a vida humana desde a sua concepção até à morte natural.
- Sem nos perturbarmos nem intimidarmos, sejamos presença fiel junto dos doentes e idosos, sobretudo em fase terminal, testemunhando-lhes que a sua vida é sempre preciosa e significativa para Deus e para nós.

ASCENSÃO DO SENHOR

16 de Maio de 2010

Ascensão e Ressurreição, a mesma afirmação do triunfo de Jesus. Ressuscitando-O e glorificando-O, Deus consagrou a sua entrega até à morte. É nesta generosidade do seu Filho que Deus manifesta a sua Aliança connosco. O amor com que admiravelmente nos criou e, de modo ainda mais admirável, nos redimiu não conhece limites.

Consigno, Jesus introduz a nossa humanidade no seio da Trindade. Resgatada enfim da morte, ela já atinge o esplendor a que Deus a predestinou (cf. Ef 1,5). A Ascensão do Senhor é também o começo da missão da Igreja sob a acção do Espírito que nos dá o entendimento das *instruções* do Senhor e nos constitui suas testemunhas.

I – I LEITURA (Act 1,1-11)

Com o Espírito, Testemunhas da Vida nova

Lucas dirige-se às comunidades que parecem cansadas de esperar o regresso do Senhor. Depois de lembrar que ninguém sabe os *tempos que o Pai determinou*, destaca o testemunho dos Apóstolos a quem Jesus *Se apresentou vivo, com muitas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando-lhes do Reino de Deus.* Depois acentua a missão da Igreja que, com as instruções aos Apóstolos e a promessa do Espírito, não pode ficar parada.

Nos *Actos*, a Ascensão é no cenáculo, à mesa Eucarística e do Mandamento Novo, fontes da Igreja, da vida, da comunhão e do envio. Quando Jesus anuncia a vinda do Espírito, os Apóstolos ainda desconversam, imbuídos de ambições: *É agora que vais restaurar o reino de Israel?* Só com o *baptismo no Espírito* compreenderiam as *instruções* do Senhor sobre o testemunho, o tempo e o espaço da Igreja.

Há uma nova vida proclamada na vitória de Cristo: todo dedicado a Deus e aos irmãos, Ele não fracassou, mesmo experimentando o sofrimento e a morte.

S. Paulo recordava que o Ressuscitado é sempre Aquele que foi crucificado, sublinha Bento XVI. O “escândalo” e a “loucura” da Cruz, prossegue, encontram-se precisamente no facto de que onde parece existir somente falência, dor e derrota, exactamente ali está todo o poder do Amor ilimitado de Deus, porque a cruz é expressão de amor, e o amor é o verdadeiro poder que se revela precisamente nesta aparente debilidade (Audiência 29.10.2008).

2 – II LEITURA (Ef 1,17-23)

A esperança a que foram chamados

Diz-nos Bento XVI: *O homem, na sucessão dos dias, tem muitas esperanças – menores ou maiores – distintas nos diversos períodos da sua vida [...]. Quando estas esperanças se realizam, resulta com clareza que, na realidade, isso não era a totalidade. O homem necessita de uma esperança que vá mais além. Só algo de infinito lhe pode bastar [...]. Sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus (SS 30-31).*

O texto da Carta aos Efésios (Ef 1,17-23) afirma que a nossa verdadeira esperança está na poderosa força que Deus exerceu em Cristo, que Ele ressuscitou dos mortos e colocou acima de tudo, como cabeça de toda a Igreja que é o seu Corpo. A nossa vocação é sermos Corpo de Cristo, participando da vida que circula d’Ele, cabeça, para nós, seus membros. E, pois que o Espírito Santo já Se derramou em nossos corações, compreendemos a esperança a que fomos chamados.

3 – EVANGELHO (Lc 24,46-53)

Voltaram para a cidade com grande alegria

Na despedida de Jesus há um núcleo do seu anúncio: *O Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e havia de ser pregado em seu nome o arrependimento dos pecados. Testemunhas disso, os Apóstolos entenderam esta palavra quando o Espírito os revestiu da força do Alto. Então proclamavam com as comunidades: Ele, sendo de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus, despojou-Se a Si mesmo, tomando a condição de servo, tornando-Se semelhante aos homens [...] obediente até à morte e morte de cruz (Fl 2,6-8).*

Relatando a ascensão, Lucas realça a bênção de Jesus e a grande alegria com que voltaram a Jerusalém, sinal da nova humanidade do arrependimento, da mudança de vida e da entrega até à morte, que levam à ressurreição.

Porque Jesus morreu e ressuscitou por todos e por ele mesmo, Paulo viu em quem podia gloriar-se (cf. Gl 6,14) e inspirou o canto da Igreja: *Toda a nossa glória está na cruz de nosso Senhor, Jesus Cristo. Nele está a nossa salvação, nossa vida e ressurreição.*

Com os seus limites naturais...

A Semana da Vida, conduzida pela Nota Pastoral dos nossos Bispos, *Cuidar da vida até à morte...*, ilumina-se com a Ressurreição e Ascensão do Senhor. *O horizonte da eternidade valoriza e, ao mesmo tempo, relativiza a vida biológica de cada pessoa. Por outro lado, [...] a convicção de que só Deus é o Senhor da vida, não retira ao homem a sua responsabilidade de cuidar da vida [...]. Já que a realização plena e definitiva da pessoa só é possível na vida em Deus, a visão crente da vida leva-nos também a encarar com realismo os limites naturais da existência humana (Nota Pastoral, nº2).*

... a vida nunca perde sentido

A vida humana nunca perde sentido nem dignidade (nº 5). Se muitas vezes é precisamente a ausência de Deus a raiz mais profunda do sofrimento, diz Bento XVI, também o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho de Deus em que acreditamos e pelo qual somos impelidos a amar (Deus é Caridade, 31).

As súplicas de quem sofre, muitas vezes desejando terminar com a situação de dor, mais que um desejo de morrer, são sobretudo o apelo a uma presença marcada pelo amor, a formas concretas de solidariedade e expressões da necessidade de perspectivas de esperança (Nota Pastoral, nº 5).

4 – Sugestões para a ORAÇÃO UNIVERSAL

- Para que o Espírito Santo nos faça compreender o verdadeiro sentido da vida e a grandeza da nossa humanidade que Jesus elevou consigo até ao Pai.
- Para que, junto dos mais necessitados, sobretudo idosos e doentes, sejamos manifestação de um amor verdadeiramente gratuito que lhes transmita que a sua vida é sempre preciosa e valorizada.